

DESEMPREGO TECNOLÓGICO

1. REFERÊNCIA CATALOGRÁFICA: CORREA, Jorge. Desemprego Tecnológico. Bogotá, Abordo Aces, 1997.

1.1. Dados do autor: Jornalista colombiano.

2. COLETA DE DADOS POR LEITURA .

DESEMPREGO TECNOLÓGICO (artigo na íntegra)

Ocupados apenas no duro ofício de ver passar a vida, milhões de homens e mulheres no mundo vêem como as probabilidades de conseguir um trabalho gratificante e bem remunerado são cada dia menores. Nem mesmo os mais profissionalmente capacitados se sentem seguros no competitivo mundo de hoje, caracterizado por um avassalador avanço tecnológico que está substituindo cada vez mais a participação humana na longa cadeia da produção.

O desemprego - não cabe dúvida - é o maior problema que enfrenta a humanidade, com o agravante de que não há soluções viáveis à vista. Ao finalizar 1994 mais de 800 milhões de pessoas em todo o planeta se encontravam sem emprego ou subempregadas. E ainda que se apresentem ligeiros e isolados avanços na geração de empregos, a tendência da economia mundial é a substituição do trabalho humano por máquinas e computadores.

Dentro desse patético quadro, a educação e a qualificação são os elementos chave - necessários mas não suficientes - para sobreviver. Os mais capazes desde o ponto de vista profissional estão chamados a ocupar os postos de trabalho (poucos!), que restam nesta revolucionária era do manejo da informação e de uma economia globalizada e competitiva como nunca se havia visto antes.

Colômbia terminou 1996 com 1.6 milhões de desocupados, sendo mais afetadas as pessoas com baixa preparação. A explicação do Departamento Nacional de Planejamento foi contundente: "emprego existe, mas não para gente pouco qualificada", donde se conclui que sendo o desemprego colombiano um problema estrutural, sua solução tem que ver com um maior nível de educação.

Já dizia o atual Ministro da Fazenda que a abertura da economia colombiana levou as empresas a realizar grandes investimentos em bens de capital, substituidores de mão de obra. E que, adicionalmente, a oferta de mão de obra, na Colômbia não está o suficientemente desenvolvida para responder à demanda de empresas cada vez mais tecnificadas.

A esperança das autoridades é que o comércio e a construção - onde os níveis de qualificação da mão de obra não são elevados - se reativem e assim diminua o desemprego. Isto significa um paliativo para o curto prazo. A solução, a médio prazo, que é a educação e a capacitação, apenas começa a ser esboçada.

Ninguém na Colômbia, que se saiba, está olhando para um horizonte de 20, 30 ou 50 anos que inclua a projeção de grandes avanços em matéria de sofisticadas tecnologias informáticas e o conseqüente desemprego em massa que isso vai causar. No primeiro mundo estão-se dando os primeiros passos para antecipar o que será uma sociedade com um altíssimo grau de ócio, produzido pela atual revolução tecnológica baseada na informática.

"A redefinição de oportunidades e de responsabilidades de milhões de pessoas pertencentes a uma sociedade carente de emprego formal - adverte o especialista estadunidense Jeremy Rifkin - será provavelmente o elemento de pressão social mais importante do próximo século em todo o mundo".

Começar a construir um mundo marcado pelo desemprego tecnológico, mas em que as necessidades de toda a população sejam atendidas, é uma tarefa que exige dar o primeiro passo já.

2.1. ASSUNTO EIXO: Emprego/desemprego frente à tecnologia. Prestadismo nos 14 subsistemas.

2.2. Relativizações: pode-se ver como um jogo de competição científico-tecnológica entre poderosos que torna descartável o ser humano como prestadio, sem poder se livrar dele como usuário; pode-se ver como uma desforra e uma ameaça dos subgrupos oficiais vitoriosos contra o socialismo, os trabalhadores e seus sindicatos; pode-se ver, também, como um retorno ao paradigma da selva, à lei do mais forte.

2.3. Resumo da Leitura: o artigo trata do triunfo recente, em todo o planeta, do poder oficial econômico (banqueiro/industrial) e de seu capataz - o poder político; mas trata de ocultar esse fato, tratando somente das conseqüências que cabem aos mais fracos nos três cérebros - os oscilantes e seu desemprego, jogando a culpa neles, por não terem melhor qualificação.

2.4. Tese do autor: o planeta (do subgrupo oficial) encontrou seu rumo correto pela tecnologia; o desemprego é normal e poderá ser o elemento de pressão do qual o oficial terá que proteger-se. Talvez a educação e a capacitação profissional possam ajudar.

3. PROCESSAMENTO:

3.1. O método de exposição é uma apresentação monádica de dados (porque não os relaciona entre si e com os 3 subgrupos ou 3 cérebros). Pretende ser pragmático, mas é uma doutrinação, uma exposição dedutiva do “saudável” paradigma neoliberal e suas “naturais ou normais” conseqüências, como a doutrinação marxista ou religiosa faziam em seus tempos.

3.2. Teorias implicadas (Paradigmas);

Dinâmica de Potencialidades: é a reafirmação do tresnoitado naturalismo-evolucionismo anglo-americano monádico, defendido enquanto dá vitórias a eles, que são o subgrupo oficial favorecido. Quando são outros os que obtêm vitórias ou lhes impõem coisas, aí se trata de competição desleal. O modo de sobreviver dos humanos não tem que ser necessariamente o da selva, ou o que inventaram os anglo-saxões, que eles pregam como sendo o único. Marx acreditava que o socialismo era fatal. Os anglo-americanos crêem que o universo se irá fatalmente anglo-americanizar.

Dinâmica Individual: Não aparece uma teoria de Dinâmica Individual. Orienta-se por uma espécie de “racionalismo-irracional” porque não inclui uma arte de viver; preocupa-se tão só com o jogo econômico que destrói o planeta, os recursos e a vida. O cérebro direito, a solidariedade e a família, o ser humano, isso não conta. Conta que sejamos trabalhadores e consumidores: “homo mechanicus” e “homo stomachalis”. Para o articulista, parece que cada indivíduo está sozinho e tem que arranjar-se sozinho, como se não nos necessitássemos sistemicamente, como se não tivéssemos valor social. É o egoísmo e o individualismo.

Dinâmica Prestusuária: faz 400 anos que os subgrupos oficiais anglo-saxões e judeus estão tratando de conseguir impor a supremacia do mercado e do dinheiro, o que se traduz por - liberdade absoluta para os subgrupos oficiais negativos da economia. Sai a lógica dos direitos mais ou menos regulados pela lei e pelo Estado, e entra em cena a lógica do mais forte economicamente. Como o oficialista negativo é monádico, esquece que não está só na selva urbana e que todos sabem caçar, os antioficiais e os oscilantes também. Com ou sem educação, com ou sem emprego, todos sobrevivem, só que cada vez mais à custa de seqüestro, assaltos a bancos, guerrilhas, droga, com ou sem a tecnologia dos subgrupos oficiais. É mercado totalmente livre. Mas essa liberdade de mercado para os outros não a querem, e aí sim querem um Estado regulador, policialesco, porque o oficial considera isso uma concorrência desleal a seu direito exclusivo de assaltar pela maneira que ele decida. Isso significa que o dinheiro e o trabalho não vão ser os únicos meios para a maioria conseguir sobreviver. A cantilena do desemprego tecnológico alcança só os últimos inocentes. Os demais estão-se autorizando a abrir caminhos de vida sem dar bola aos donos do mercado e seus empregados governamentais, e muito menos ao papo furado dos economistas/catequistas da nova seita neoliberal. O articulista confunde desemprego com ócio. Ócio o tem o subgrupo oficial, mas nem tanto. Faz falta uma nova teoria de dinâmica prestusuária para ver mais claramente a complexidade global das agendas/ocupações prestadias e usuárias de todos e a enormidade dos intercâmbios. Com a linguagem sócio-econômica monádica e inglesada de hoje (da primeira revolução industrial) não dá para entender isso.

Dinâmica de Grupo: o poder econômico sem fronteiras é o poder máximo, e não o poder político. Este é tão só seu comitê executivo. O Estado como gestor do bem comum e regulador do conflito social não existe mais. Retornamos ao estado selvagem - guerra de todos contra todos - como dizia Hobbes. A organização, a regulação, o upaya são desnecessários e substituídos pelo grande, único e sábio regulador que é o mercado e seus jogos de livre competição. O próprio George Soros escreveu "A Crise do Capitalismo" criticando isso. Quando até o diabo acha que é demais... A educação, dizem, deve capacitar para isso. Tem-se que entrar num jogo maximocrático de capacitação, com chances mínimas de obter a graça de um empreguinho concedido pelo misericordioso subgrupo oficial. Essa é a ameaça. Quem capacita aos subgrupos oficiais, quem lhes concede a graça de apoderar-se do total do valor agregado produzido por todos? Diz o articulista que as autoridades políticas têm a "esperança"... Por que não têm a decisão, o empenho? É que se tornaram sócios e comparsas da anti-utopia neoliberal.

Dinâmica Universal: Desde o tempo de Moisés e de Midas dava para pressentir o que estava sendo fraguado: por fim, os subgrupos oficiais conseguiram impor o deus deles: o bezerro de ouro, o ouro ou, simplesmente, o dinheiro. Transformaram o mundo num grande e único supermercado giratório, com os donos no posto de oficialistas endeusados, os consumidores no posto de oscilantes manuseados, e os assaltantes, narcotraficantes e guerrilheiros, no posto de antioficiais, o posto do diabo. E pensar que antes se lutava por nacionalismos, por utopias, pela humanidade, pelo céu... Diz o articulista que há que dar o primeiro passo para enfrentar o desemprego. Não será que há que dar um novo passo para enfrentar o desencanto, a alienação e loucura frente ao dinheiro e ao consumismo, ou para desenhar um novo projeto de humanidade ou, de ecossistema, para sobreviver mais digna e longamente?

3.3. Linguagem e estilo: O tema é relevante e urgente, mas há que tratá-lo sem o cinismo do triunfador, ainda que se suponha que os passageiros dessa companhia aérea o entendam e lhes agrade. É um estilo jornalístico, tratando de fazer sensacionalismo neoliberal. De qualquer forma, o artigo mobiliza, provoca ira, coloca um desafio.

4. DIAGNÓSTICO.

O artigo trata do fenômeno do desemprego (agendas prestadias dos 14 subsistemas) relacionado com a tecnologia; fala de capacitação via educativa (S07). Estão chamando a maioria de otários, analfabetos, incompetentes, descartáveis, excedentes demográficos e inúteis sociais. O artigo fala da desgraça do oscilante, mas não fala para onde escorreram as vantagens (para o subgrupo oficial, é claro!). O artigo é tendencioso, ocultando por trás de anônimos sociais como mercado, tecnologia, modernidade, as tramóias dos banqueiros, das transnacionais e dos corretores e especuladores das bolsas, protegidos pelos 7 grandes e seus comparsas, principalmente a imprensa. É uma conspiração, um botim comandado pelas velhas direitas fora de controle.

5. FUTURIÇÃO: o tema vai durar muito tempo, mas não este artigo e esse tipo de cantilena simplória. Virão análises mais profundas desmascarando os subgrupos oficiais inimigos da humanidade.

6. DECISÃO: os indoamericanos têm que estudar mais os assuntos de economia, mercado, dinheiro, negociatas e depredação oficial para saber discuti-los e descobrir como combatê-los porque são a catequese da colonização pós-moderna, assim como o discurso civilizatório e evangelizador era a catequese da primeira colonização.

7. CITAÇÕES: não há frases que o mereçam.